

LITURGIA COMO TEOLOGIA EM ATO: centralidade, mistagogia e pastoralidade na vida da igreja à luz da *Sacrosanctum Concilium*

LITURGY AS THEOLOGY IN ACTION: centrality, mystagogy, and pastoral care in the life of the church in the light of *Sacrosanctum Concilium*

Gilberto Costa Soares Junior¹

RESUMO: A liturgia, compreendida como “teologia em ato”, constitui o lugar privilegiado onde a Igreja celebra e comunica o mistério da salvação. Mais que um conjunto de ritos ou normas, é a atualização sacramental do mistério pascal de Cristo no poder do Espírito Santo, tornando-se fonte e cume de toda a vida cristã (*Sacrosanctum Concilium*, n. 10). Este artigo investiga sua centralidade, dimensão mistagógica e relevância pastoral a partir de pesquisa teológico-documental qualitativa, com análise histórico-crítica e hermenêutica de textos conciliares e pós-conciliares, em diálogo com a patrística, o Movimento Litúrgico e autores como Guardini, Vaggini, Kavanagh e Ratzinger, além de teólogos brasileiros como Ney Brasil, Abimar Oliveira e Antonio Catelan Portela. A reflexão demonstra que a liturgia é, ao mesmo tempo, memorial, presença e antecipação do Reino, formando discípulos e enviando-os em missão. Ao integrar fé, espiritualidade e cultura, torna-se escola de evangelização e de inculturação, exigindo formação sólida para a participação “plena, consciente e ativa” dos fiéis. Assim, revela-se não apenas culto da Igreja, mas também fonte de santificação e transformação pessoal e comunitária, capaz de oferecer sentido e esperança em todos os tempos e contextos.

Palavras-chave: liturgia; teologia em ato; mistagogia; *Sacrosanctum Concilium*.

ABSTRACT: Liturgy, understood as “theology in action,” is the privileged locus where the Church celebrates and communicates the mystery of salvation. Far from being a mere set of rites or regulations, it is the sacramental actualization of Christ’s paschal mystery in the power of the Holy Spirit, becoming the source and summit of all Christian life (*Sacrosanctum Concilium*, n. 10). This article examines the centrality, mystagogical dimension, and pastoral character of the liturgy through a qualitative theological–documentary approach, employing historical-critical and hermeneutical analysis of conciliar and post-conciliar texts in dialogue with pa-

¹ Mestrando em Estudos Jurídicos com Ênfase em Direito Internacional - *Miami University Science and Technology*. Bacharel em Odontologia pela UFMA. Bacharel em Direito pela Faculdade Laboro. Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Cidade de São Paulo – UNICID. Acadêmico de Teologia pela Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, gilberto.soaresjr@outlook.com.

tristic sources, the Liturgical Movement, and classical authors such as Guardini, Vagaggini, Kavanagh, and Ratzinger, as well as Brazilian theologians Ney Brazil, Abimar Oliveira, and Antonio Catelan Portela. The study shows that the liturgy, beyond being a memorial, is both presence and anticipation of the Kingdom, forming disciples and sending them forth in mission. By integrating faith, spirituality, and culture, it becomes a school of evangelization and inculturation, requiring solid formation for the “full, conscious, and active participation” of the faithful. Thus, the liturgy is revealed not merely as Church worship but as a source of personal and communal transformation in every time and context.

Keywords: liturgy; theology in action; mystagogy; *Sacrosanctum Concilium*.

1 INTRODUÇÃO

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* (SC), promulgada pelo Concílio Vaticano II em 1963, marcou um ponto de inflexão na vida eclesial ao reafirmar que a liturgia é “a fonte e o cume de toda a vida cristã” (SC, 10). Essa afirmação recoloca a celebração no centro da Igreja, não como simples rito ou ornamentação, mas como espaço privilegiado de revelação e encontro com Deus. Romano Guardini (1962, p. 15) já percebia que “a liturgia é a forma viva na qual a Igreja se exprime”, lembrando que não se reduz a rubricas ou formalismos, mas manifesta a fé e a comunhão que unem o povo de Deus ao mistério pascal de Cristo. Em contexto marcado por secularismo e individualismo religioso, é decisivo recuperar a consciência da liturgia como encontro que renova a comunidade, tornando-a Corpo de Cristo e assumindo a história humana na obra redentora.

Essa compreensão encontra eco em Joseph Ratzinger (2001, p. 30), para quem “é o próprio Cristo quem age na liturgia, unindo a Igreja terrena ao culto eterno do Pai”. Ao atualizar sacramentalmente o mistério pascal, cada celebração participa do louvor celeste. A dimensão pneumatológica é igualmente central: o Espírito Santo, “agente principal da economia sacramental” (SC, 6), conduz a Igreja à plena comunhão com o Pai, fazendo da liturgia um evento que renova continuamente. Ney Brasil (2012, p. 77) recorda que “a liturgia é o lugar privilegiado da ação do Espírito, que torna presente o mistério pascal e edifica a comunidade”. Essa consciência cristológica e pneumatológica evita reduções sociológicas ou meramente estéticas, preservando a primazia da ação divina.

O horizonte mistagógico reforça a liturgia como caminho de iniciação e maturação na fé. Desde os Padres da Igreja, a mistagogia foi entendida como itinerário pedagógico que, por meio dos sinais, introduz os fiéis no mistério celebrado. O Concílio Vaticano II retoma essa herança ao insistir na “plena, consciente e ativa participação” (SC, 14), não apenas exterior, mas interior, no mistério de Cristo. Antonio Catelan Portela (2018, p. 91) afirma que “a catequese mistagógica é o caminho para que o povo de Deus penetre no mistério celebrado, unindo palavra, símbolo e vida”. Tal perspectiva desafia as comunidades a superar uma catequese meramente intelectual, valorizando a experiência orante na qual celebração e vida se entrelaçam.

A liturgia, assim, torna-se escola de espiritualidade e missão. A experiência celebrativa não se limita ao templo, mas envia os fiéis para o testemunho. Como destaca Jonas Abib (2010, p. 56), “a liturgia bem celebrada se torna anúncio profético, atraindo e convertendo corações”. O Papa Francisco (2022, n. 37), em *Desiderio Desideravi*, adverte que a beleza da celebração cristã não se confunde com espetáculo, mas se reconhece como “encontro vivo com o Ressus-

citado”, exigindo formação que conduza a uma participação efetiva e fecunda. Essa visão dialoga com a tradição latino-americana de inculturação, que busca celebrar a fé em sintonia com as culturas locais sem diluir o núcleo do mistério. Portela (2018, p. 145) observa que “a adaptação cultural não pode diluir o conteúdo da fé, mas deve favorecer a participação plena dos fiéis em cada contexto”.

Parte-se da hipótese de que a liturgia, compreendida em sua dimensão de “teologia em ato”, pode responder aos desafios contemporâneos de secularização e fragmentação da experiência religiosa, oferecendo um caminho de evangelização e formação integral. Essa hipótese se justifica diante da constatação de que, em muitos contextos, a celebração tem sido reduzida a formalismo ritual ou a mero evento estético, afastando-se de sua vocação original de encontro transformador com o mistério de Cristo. A pesquisa, portanto, busca demonstrar que a redescoberta da centralidade, da mistagogia e da pastoralidade da liturgia não é apenas uma questão teórica, mas uma necessidade pastoral urgente para revitalizar a vida de fé das comunidades e fortalecer o testemunho missionário da Igreja.

Para desenvolver essa proposta, o artigo organiza-se em quatro partes. A introdução apresenta o contexto, a relevância do tema, a hipótese e os objetivos. Em seguida, o referencial teórico aprofunda as bases cristológicas, pneumatológicas e mistagógicas da liturgia, dialogando com autores clássicos e contemporâneos, além de pensadores brasileiros. A seção de metodologia descreve a abordagem teológico-documental qualitativa e o caminho analítico adotado. Por fim, os resultados e a discussão interpretam as evidências colhidas, evidenciando implicações pastorais e missionárias, e são seguidos pelas considerações finais, que sintetizam as contribuições da pesquisa e apontam perspectivas para novos estudos e práticas celebrativas.

Em síntese, a liturgia é realidade cristológica, pneumatológica, eclesial e missionária. Dom recebido e não simples criação comunitária, solicita resposta consciente dos fiéis. Guardini, Vagaggini, Kavanagh e Ratzinger, em diálogo com teólogos brasileiros como Ney Brasil, Abimar Oliveira e Antonio Catelan Portela, convergem em compreendê-la como “teologia em ato”: nela a fé é celebrada, professada e continuamente gerada. Em tempos de fragmentação cultural, essa consciência permite reconhecer a liturgia como espaço em que a Igreja experimenta, comunica e aprofunda o mistério da salvação.

2 METODOLOGIA

A investigação adota enfoque teológico-documental qualitativo, adequado para examinar a liturgia como realidade viva que requer leitura histórica,

hermenêutica e pastoral. Foram analisados os textos magisteriais centrais – especialmente a Constituição *Sacrosanctum Concilium* e documentos posteriores como *Redemptionis Sacramentum* (2004) e *Desiderio Desideravi* (2022) – em diálogo com fontes patrísticas, com a literatura do Movimento Litúrgico e com contribuições atuais da teologia litúrgica latino-americana.

O estudo partiu de uma leitura histórico-teológica da reforma conciliar, resgatando elementos patrísticos e do movimento litúrgico europeu que prepararam o Vaticano II, para depois oferecer interpretação hermenêutica dos princípios conciliares à luz da reflexão contemporânea. Por fim, a análise aproximou essa base teórica da perspectiva mistagógica e pastoral, avaliando propostas de formação litúrgica que favoreçam participação consciente e ativa dos fiéis. Essa metodologia, ao unir rigor acadêmico e sensibilidade eclesial, evidencia a liturgia como evento teológico que ultrapassa prescrições normativas e renova a comunidade celebrante.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A liturgia, reconhecida pelo Concílio Vaticano II como “a fonte e o cume de toda a vida cristã” (SC, 10), é o lugar em que a Igreja experimenta e comunica o mistério da salvação. Essa afirmação, mais que dado doutrinal, expressa compreensão teológica que vê na celebração a manifestação mais intensa da fé. Guardini (1962, p. 15) já intuía essa realidade ao afirmar que “a liturgia é a forma viva na qual a Igreja se exprime”, salientando que nela “a ação de Deus se faz presente e transforma o homem”. A liturgia, portanto, não é produto da criatividade humana nem mecanismo de sociabilidade religiosa; é, antes, ação divina que chama a resposta ativa e consciente dos fiéis. Guardini (1962) reforça ainda que:

A liturgia não é uma obra de piedade individual, nem mesmo a soma das devoções de muitos indivíduos. Ela é antes a expressão da Igreja inteira, enquanto Corpo Místico de Cristo, que em unidade celebra a sua fé. Nela a ação de Deus se faz presente e transforma a comunidade, de modo que cada gesto, cada palavra e cada silêncio é impregnado de significado que transcende a pura exterioridade do rito (Guardini, 1962, p. 27).

A tradição patrística reforça essa percepção ao entender a liturgia como memorial vivo do mistério pascal, em que Cristo, pela força do Espírito Santo, introduz a comunidade no culto eterno ao Pai. Cipriano Vagaggini (1959, p. 22) descreve a celebração como “culto público integral do Corpo Místico de Cristo, ação do Cabeça e de seus membros”. Nessa perspectiva, o rito não é mera representação, mas sacramento de comunhão, em que o tempo histórico se abre para a eternidade. Joseph Ratzinger (2001, p. 30) aprofunda essa visão ao afirmar que “é o próprio Cristo quem age na liturgia, unindo a Igreja terrena ao culto eterno do Pai”. Esse horizonte cristológico e pneumatológico afasta qualquer compre-

ensão que a trate como espetáculo ou simples performance.

O Espírito Santo, “agente principal da economia sacramental” (SC, 6), é protagonista discreto e indispensável da celebração. Ele atualiza o evento pascal e torna possível a participação da assembleia. Ney Brasil (2012, p. 77) observa que “a liturgia é o lugar privilegiado da ação do Espírito, que torna presente o mistério pascal e edifica a comunidade”. Essa consciência pneumatológica conduz a uma espiritualidade litúrgica que ultrapassa o mero cumprimento de preceitos, convidando a Igreja a viver a liturgia como encontro que renova e envia em missão.

Outro eixo fundamental é a dimensão mistagógica. Desde os Padres da Igreja, a mistagogia é compreendida como processo pedagógico que conduz o fiel dos sinais visíveis à contemplação do mistério. O Concílio Vaticano II retoma essa tradição ao insistir na “plena, consciente e ativa participação” (SC, 14), salientando que a liturgia é a catequese mais profunda, pois nela “o mistério é ensinado e vivido ao mesmo tempo” (Kavanagh, 1984, p. 41). Antonio Catelan Portela (2018, p. 91) reforça que “a catequese mistagógica é o caminho para que o povo de Deus penetre no mistério celebrado, unindo palavra, símbolo e vida”. Portela (2018) ainda demonstra que:

A catequese mistagógica é, antes de tudo, um processo de iniciação. Ela não se limita a explicar os ritos ou a transmitir noções doutrinárias, mas conduz os fiéis a uma experiência transformadora, em que a Palavra e o Sacramento se unem. A mistagogia permite que a assembleia descubra, por meio dos sinais, a profundidade do mistério celebrado, de modo que a vida cotidiana se torne prolongamento da liturgia (Portela, 2018, p. 92).

Para Ney Brasil (2012, p. 103), “a liturgia educa o fiel a partir dos sinais, conduzindo-o da visibilidade dos ritos à invisibilidade do mistério”. Essa pedagogia, que une razão, sensibilidade e espiritualidade, mostra-se indispensável para enfrentar a fragmentação cultural e a perda de sentido religioso atuais.

A teologia latino-americana acrescenta um olhar inculturado, valorizando a relação entre fé e cultura. A Conferência de Aparecida (CELAM, 2007, n. 518) reconhece que “a liturgia deve ser inculturada para que o Evangelho fecunde todas as culturas, sem comprometer a integridade do mistério”. Em sintonia, o Papa Francisco (2022, n. 37) adverte que “a beleza da celebração cristã não é espetáculo, mas encontro vivo com o Ressuscitado”, ressaltando que a inculturação exige discernimento para evitar tanto o formalismo rígido quanto o sincretismo superficial. Portela (2018, p. 145) destaca que “a adaptação cultural não pode diluir o núcleo do mistério, mas deve favorecer a participação ativa e frutuosa dos fiéis em cada contexto”. Tal atenção ao ambiente cultural é especialmente relevante na América Latina, onde a diversidade de expressões populares desafia a Igreja a integrar, de modo autêntico, símbolos, linguagens e músicas

locais.

A dimensão missionária completa esse quadro teórico. A Eucaristia, “fonte e ápice de toda evangelização” (João Paulo II, 2004, n. 36), envia os fiéis para testemunhar no mundo o que celebram. Jonas Abib (2010, p. 56) afirma que “a liturgia bem celebrada se torna anúncio profético, atraindo e convertendo corações”. Abimar Oliveira (2015, p. 60) acrescenta que, diante do secularismo, a celebração oferece “uma experiência de transcendência e de sentido para o homem contemporâneo”, tornando-se força de evangelização e impulso para a transformação social. Assim, a liturgia não se encerra no templo, mas prolonga-se no compromisso com a justiça, a paz e a caridade.

Por fim, a integração desses elementos, centralidade cristológica e pneumatológica, mistagogia, inculturação e missão, permite compreender a liturgia como verdadeiro lugar teológico. Ela não apenas expressa a fé, mas a forma, aprofunda e renova continuamente. Como sintetiza Guardini (1962, p. 27), “a liturgia é a expressão suprema da vida da Igreja, na qual Deus se comunica e o homem se oferece em adoração”. Desse modo, a celebração não se esgota em si mesma, mas transforma os participantes em testemunhas do Reino, confirmando que a liturgia, bem compreendida e vivida, é resposta eficaz aos desafios espirituais e culturais do nosso tempo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A investigação confirmou, em primeiro plano, a centralidade cristológica e pneumatológica da liturgia. A análise dos documentos conciliares mostrou que a *Sacrosanctum Concilium* não a entende como simples reunião comunitária, mas como atualização do mistério pascal. Ratzinger (2001, p. 30) afirma que “é o próprio Cristo quem age na liturgia, unindo a Igreja terrena ao culto eterno do Pai”, e tal convicção reaparece em diversos textos pós-conciliares. Ratzinger (2001) ainda enfatiza que:

O culto cristão é sempre encontro e participação. Cristo, o verdadeiro sujeito da liturgia, nos introduz no culto eterno do Pai. Celebrar a liturgia não é apenas recordar um acontecimento passado, mas entrar, aqui e agora, no mistério da morte e ressurreição de Jesus. Cada celebração é, por isso, uma abertura do tempo para a eternidade, em que o Espírito Santo nos torna contemporâneos da Páscoa do Senhor (Ratzinger, 2001, p. 45).

A pesquisa também evidenciou que o Espírito Santo, “protagonista invisível da economia sacramental” (SC, 6), introduz a assembleia na comunhão trinitária, impedindo que a celebração se reduza a evento meramente humano. Essa dimensão, presente em Guardini e reiterada por autores brasileiros como Ney Brasil (2012, p. 77), sustenta a compreensão da liturgia como ação divina antes de ser ação da comunidade.

A liturgia, compreendida como “teologia em ato”, manifesta-se como o lugar em que a Igreja experimenta, celebra e comunica o mistério da salvação. Ao longo desta investigação, evidenciou-se que não é acessório da vida cristã, mas sua fonte e ápice, conforme recorda a *Sacrosanctum Concilium* (10). Nela, a ação de Cristo, vivificada pelo Espírito Santo, atualiza de modo sacramental o evento pascal e conforma a assembleia celebrante em Corpo vivo de Cristo. Essa realidade teológica supera visões que a tratam como rito social ou espetáculo estético, revelando-a como a própria fé da Igreja em expressão celebrativa.

Compreender a liturgia sob essa perspectiva implica reconhecer que cada celebração é, ao mesmo tempo, memorial, presença e antecipação do Reino. Ratzinger (2001, p. 30) recorda que “é o próprio Cristo quem age na liturgia, unindo a Igreja terrena ao culto eterno do Pai”, de modo que o tempo litúrgico se abre para a eternidade. Tal consciência desafia as comunidades cristãs a redescobrir a centralidade do culto divino, não como repetição mecânica de ritos, mas como encontro que renova e converte. A liturgia bem vivida forma discípulos e missionários, pois a comunhão com o Ressuscitado impele a Igreja a testemunhar no mundo a salvação que celebra.

Em seguida, os resultados apontam a urgência de uma formação litúrgica que supere a mera capacitação técnica. Verificou-se que a “plena, consciente e ativa participação” (SC, 14) não se alcança apenas com organização ritual, mas mediante um percurso catequético de caráter mistagógico. Portela (2018, p. 91) destaca que “a catequese mistagógica é o caminho para que o povo de Deus penetre no mistério celebrado, unindo palavra, símbolo e vida”. Ney Brasil (2012, p. 103) acrescenta que “a liturgia educa o fiel a partir dos sinais, conduzindo-o da visibilidade dos ritos à invisibilidade do mistério”. Comunidades que investem em itinerários mistagógicos experimentam maior integração entre celebração e vida cristã, superando reducionismos moralistas ou meramente estéticos.

Outro ponto essencial é a dimensão missionária. A assembleia que participa da Eucaristia é enviada para ser sinal de reconciliação, justiça e paz. Jonas Abib (2010, p. 56) lembra que “a liturgia bem celebrada se torna anúncio profético, atraindo e convertendo corações”. Essa consciência reforça a ligação entre celebração e vida, indicando que a liturgia não se encerra no templo, mas se prolonga na caridade e no serviço. Em um mundo fragmentado e marcado pelo secularismo, ela é testemunho profético: nela a pessoa experimenta a transcendência, reencontra sentido e é convocada à comunhão.

Outro achado relevante é a importância da inculturação. Constatou-se que, em contextos latino-americanos, a liturgia precisa dialogar com as culturas locais sem diluir o núcleo da fé. Francisco (2022, n. 37) adverte que “a beleza da celebração cristã não é espetáculo, mas encontro vivo com o Ressuscitado”, re-

forçando que a adaptação cultural deve servir à evangelização, e não ao folclore. Portela (2018, p. 145) confirma que “a adaptação cultural não pode diluir o núcleo do mistério, mas deve favorecer a participação ativa e frutuosa dos fiéis”. Os dados indicam que experiências de inculturação autêntica, com uso criterioso de elementos musicais, gestuais e linguísticos próprios de cada povo, ampliam a participação e fortalecem o senso de pertença, desde que guiadas por discernimento teológico e pastoral. Sobre a inculturação, o CELAM (2007) pondera que:

A liturgia, quando fiel à tradição e aberta às culturas, torna-se lugar privilegiado de encontro entre Cristo e os povos. A inculturação litúrgica, longe de ser um adorno opcional, é exigência do Evangelho, que se quer presente em todos os contextos. É preciso que os ritos falem ao coração das pessoas, com símbolos, linguagens e gestos que brotem de sua história, para que a participação seja verdadeiramente plena e frutuosa (CELAM, 2007, n. 518).

Por fim, observou-se que a liturgia, ao formar discípulos, torna-se força missionária. Abimar Oliveira (2015, p. 60) sublinha que, diante do secularismo, a liturgia oferece “uma experiência de transcendência e de sentido para o homem contemporâneo”. Comunidades que entendem a celebração como fonte de evangelização demonstram maior dinamismo na caridade e no testemunho público da fé. Jonas Abib (2010, p. 56) resume essa dimensão ao afirmar que “a liturgia bem celebrada se torna anúncio profético, atraindo e convertendo corações”. Desse modo, a liturgia não se encerra no templo, mas se prolonga no compromisso com a justiça, a paz e a solidariedade, revelando-se forte impulso missionário e social.

5 CONCLUSÃO

A análise confirma que a liturgia, compreendida como “teologia em ato”, é o coração da vida da Igreja e a fonte de sua identidade missionária. Ao atualizar o mistério pascal de Cristo, cada celebração insere a comunidade no culto eterno do Pai e a envia para o testemunho no mundo. Como recorda a *Sacrosanctum Concilium*, “a liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde emana toda a sua força” (SC, 10). Essa afirmação resume o caminho percorrido pela pesquisa: longe de mero rito, a liturgia é espaço de encontro, formação e envio, no qual a ação de Cristo, no Espírito, transforma a assembleia em sacramento vivo da salvação.

Constatou-se que a plena recepção da reforma conciliar continua desafiadora em muitas comunidades. A participação “plena, consciente e ativa” (SC, 14) desejada pelo Concílio requer mais que organização ritual; exige autêntica pedagogia mistagógica capaz de educar para a experiência do mistério. Portela (2018, p. 91) afirma que “a catequese mistagógica é o caminho para que o povo

de Deus penetre no mistério celebrado, unindo palavra, símbolo e vida”. Sem formação permanente, a liturgia corre o risco de ser vivida como obrigação ou espetáculo, enfraquecendo sua força de gerar fé e conversão.

A investigação também evidenciou que a inculturação permanece horizonte promissor e exigente. Em diálogo com o Documento de Aparecida (CELAM, 2007, n. 518), compreende-se que a liturgia precisa falar a linguagem dos povos sem diluir o núcleo do mistério. Francisco (2022, n. 37) reforça que “a beleza da celebração cristã não é espetáculo, mas encontro vivo com o Ressuscitado”, o que supõe discernimento para equilibrar tradição e criatividade. Experiências de adaptação cultural bem conduzidas mostram-se fecundas para ampliar a participação e fortalecer o senso de pertença eclesial, sobretudo em contextos de pluralidade cultural e religiosa.

Outro aspecto decisivo é a dimensão missionária. A celebração não se encerra em si mesma; dela brota a caridade que sustenta a evangelização. Jonas Abib (2010, p. 56) observa que “a liturgia bem celebrada se torna anúncio profético, atraindo e transformando corações”. Assim, cada assembleia é enviada ao mundo para ser sinal de reconciliação, justiça e paz, tornando visível a comunhão trinitária experimentada na celebração. A liturgia, portanto, não apenas alimenta a espiritualidade pessoal, mas forma comunidades comprometidas com a transformação social e a defesa da dignidade humana.

Diante do avanço do secularismo e da fragmentação religiosa, a redescoberta da liturgia como espaço de transcendência revela-se necessária. Abimar Oliveira (2015, p. 60) afirma que “a liturgia oferece uma experiência de transcendência e de sentido para o homem contemporâneo”, resgatando o ser humano do isolamento e inserindo-o na comunhão de fé. Essa capacidade de gerar sentido faz da liturgia um verdadeiro antídoto contra a indiferença religiosa e um caminho de renovação espiritual e pastoral.

Em síntese, os resultados confirmam a hipótese da pesquisa: a liturgia, quando vivida em sua profundidade teológica, é resposta concreta aos desafios atuais. Ela forma discípulos missionários, renova a vida comunitária, integra fé e cultura e conduz a Igreja a contínua conversão. Como ensina Guardini (1962, p. 27), “a liturgia é a expressão suprema da vida da Igreja, na qual Deus se comunica e o homem se oferece em adoração”. Recuperar essa consciência é tarefa urgente para que a Igreja de hoje continue a celebrar e anunciar o mistério pascal, tornando-se, em cada tempo e lugar, sinal eficaz de salvação e esperança para a humanidade.

REFERÊNCIAS

ABIB, Jonas. **Liturgia: vida e missão**. São Paulo: Loyola, 2010.

BRASIL, Ney. **Liturgia e espiritualidade cristã**. Aparecida: Santuário, 2012.

CONCÍLIO VATICANO II. Sacrosanctum Concilium: constituição sobre a sagrada liturgia. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Constituições, decretos e declarações**. Petrópolis: Vozes, 2012.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE (CELAM). **Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Redemptionis sacramentum: instrução sobre algumas coisas que se devem observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia**. São Paulo: Paulinas, 2004.

FRANCISCO, Papa. **Desiderio desideravi: carta apostólica sobre a formação litúrgica do povo de Deus**. Vaticano, 29 jun. 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 04 abr. 2025.

GUARDINI, Romano. **O espírito da liturgia**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1962.

KAVANAGH, Aidan. **On liturgical theology**. Collegeville: Liturgical Press, 1984.

OLIVEIRA, Abimar. **Introdução à teologia litúrgica**. Petrópolis: Vozes, 2015.

PORTELA, Antonio Catelan. **Mistagogia e liturgia: fundamentos e caminhos**. São Paulo: Paulus, 2018.

RATZINGER, Joseph. **O espírito da liturgia: uma introdução**. São Paulo: Loyola, 2001.

VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1959.

Recebido em: 28/09/2025

Aprovado em: 19/12/2025